



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação – F.E

**O PODER TRANSFORMADOR DA MUSICA: A Função
Social da Música na Construção de Novas Perspectivas de Vida.**

Mario Jorge Jaymowich

Brasília - DF 2014

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação – F.E

O PODER TRANSFORMADOR DA MUSICA: A Função
Social da Música na Construção de Novas Perspectivas de Vida.

Mario Jorge Jaymowich

Ensaio apresentado ao curso de graduação
em Pedagogia pela Faculdade de Educação
da Universidade de Brasília/UnB como parte
dos requisitos para obtenção do título
graduação em Pedagogia.

Orientadora: Patrícia Lima Martins Pederiva

Brasília – DF 2014

TERMO DE APROVAÇÃO

**Universidade de Brasília
Faculdade de Educação – F.E**

**O PODER TRANSFORMADOR DA MUSICA: A Função Social da Música na
Construção de Novas Perspectivas de Vida.**

Comissão Examinadora:

Aprovado por:

Orientadora: _____

**Prof.^a. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva
Curso de Pedagogia – Faculdade de Educação - FE
Universidade de Brasília – UnB**

Membro: _____

**Prof.^a, Dra. Sonia Marise Sales Carvalho
Curso de Pedagogia – Faculdade de Educação - FE
Universidade de Brasília – UnB**

Membro: _____

**Prof. Augusto Charan Alves Barbosa Goncalves
Conservatório de Música e Artes de Brasília**

Suplente: _____

**Prof.^a, Maria Luiza Dias Ramalho
Secretaria de Educação de Brasília/F.E – UnB (Mestranda)**

Brasília - DF 2014.

Dedico esse trabalho aos nossos
filhos dos filhos dos velhos
filhos...

AGRADECIMENTOS

Ao universo que conspirou a favor para que esse trabalho fosse realizado.

A todos os Deuses e Deusas, meus guias, orixás e energias do astral.

Aos meus familiares, amigos e amores.

A Ana Maria Macedo grande educadora que me inspirou a cursar Pedagogia.

A Professora Sonia Marise pelo incentivo e apoio em meus projetos.

A todas e todos os meus professores e professoras do curso de Pedagogia na UEMG, Faculdade Pitágoras, PUC – Minas e UNB.

A querida professora Patrícia Pederiva por orientar, acreditar e me incentivar a escrever esse ensaio de forma tão generosa e sábia.

A comissão examinadora.

Ao Comboio Percussivo pela resistência e os batuques na UNB e fora dela.

A minha companheira Paula Silveira pelo amor incondicional e por acreditar.

Ao LAMCE, Salão do encontro, Tambor mineiro, Rede Le, Educação pelo Tambor, Núcleo de Arte Cultura Pitágoras, Cidadania em rede, Cachuera, Escola Aberta, Mais Educação, ONG Cativa, Encaixa Couro, Cachuera, Arturos, Salgueiro, Mestre Amaral, Mestre André D'exu, Mestre Valter, Mauricio Tizumba, Serginho Silva, Bantuquere, Dona mercês e família do candomblé da serra, Mestre Mario e Comunidade dos Arturos, família Alcântara e dona Isabel, a rainha do congado em Minas Gerais. AlafinOyo, Baque Di loa, Estrela Brilhante, Leão Coroado, Monobloco, Meninos do Morumbi, Eja BH, Fica Vivo, CRAS, Ala tambores, Comboio Percussivo, Ong Nutris, Bem Brasil, Cachimbo de ouro, Economia Solidária e a todos os mestres, professores e professoras, projetos e espaços que contribuíram para que eu me tornasse um educador.

Kaira

(Toumani Diabaté - Arnaldo Antunes)

A música muda você
Você muda mais alguém
Alguém muda outro alguém
Que muda você também

Você muda a cada momento
A música muda o tempo
Você é um instrumento
A música muda você

Pra melhor, pra melhor, pra melhor

A música muda o corpo
E a dança ajuda a mudança
A música de um outro
Desfaz a sua distância

O mundo muda você
Os outros te mudam muito
Você muda pra crescer
A música muda o mundo

Pra melhor, pra melhor, pra melhor

A música muda o vento
O pé também muda o chão
Assim como o pensamento
Muda sua sensação

A música muda tudo
E tudo muda você
Você é você porque muda
A música ajuda a ser

Bem melhor

RESUMO

Esse ensaio busca discorrer sobre a função social da música e seu caráter educativo em projetos de cunho social que oferecem atividades musicais a partir do fazer junto. Buscou-se analisar e compreender essas atividades como transdisciplinares, expor o processo educativo entre, através e além dos conteúdos e como esses conhecimentos podem suscitar novas perspectivas de vida.

O presente trabalho tem como base experiências musicais e como essas experiências contribuem para a formação do indivíduo enquanto sujeito, bem como os símbolos, as relações e a importância dessas vivências na construção de uma identidade única.

Palavras-chave: Educação musical, Socialização, Remição, Projetos.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

LAMCE - Laboratório de Arte, Musica, Cultura e Educação.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.

UEMG – Universidade Estadual de Minas Gerais.

UNB – Universidade de Brasília.

C'ATIVA – Cidadania Ativa.

SUMÁRIO

MEMORIAL – UMA VIDA DE REPENTE OU “COCO DE EMBOLADA”.

INTRODUÇÃO – “PASSANDO O SOM”

CAPÍTULO 1 – COMO ME TORNEI EDUCADOR OU “DA LAMA AO CAOS”.

CAPÍTULO 2 – O CARATER SOCIAL E EDUCATIVO TRANSDICCIPLINAR DE PROJETOS EM EDUCACAO MUSICAL OU “UMA CHAMA NAO PERDE NADA AO DAR A VIDA A OUTRA CHAMA”.

CONSIDERACOES FINAIS - “COMEÇO DO FIM”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

MEMORIAL – UMA VIDA DE REPENTE OU “COCO DE EMBOLADA”

Colocar sua autoria e ano e colocar nas referências.

Nasci dia vinte e cinco de dezembro
Minha mãe fazendo ceia era quase um tormento
Barriga cheia e vontade de parir num dia quase perdi
Cheguei as dez e trinta da manha
Fui entregue aos meu avos que me criaram
Me entregaram no sereno nasci feito ao relento
Cresci no mato plantando arroz comendo banana
Sou filho de Sebastiana e não esqueço a minha canção
Rodei mundo corri gira vi o sol e lua
Para existir foi preciso musica
Cantar, correr, falar e gritar
E o mundo sempre a girar
O mundo sempre a girar
Foi na batida de um tambor que tudo começou
A vida aflorou e o sentido que procurava se encontrou
Na música pude existir, ser e estar e refletir
Foi nas rodas e nas conversas com mestres da Cultura popular
Tudo que eu tenho venho da rua
Mas não esqueço meu lugar
Como coco de embolada o mundo a girar
O canto da vida improvisar
Andando em encruzilhas, equinas e quebradas
Mas um canto popular peço licença ao chegar
Agradeço por poder cantar e com música voar
E o mundo sempre a girar
O mundo sempre a girar
Poeta da cultura popular tem sempre um tambor a tocar
Em cada toque um aprendizado pra trocar
Vida que segue para além do ar
Vida que segue pra além do mar
Para existir foi preciso musica
E pra existir é preciso voar
E o mundo sempre a girar
O mundo sempre a girar

INTRODUÇÃO

Nesse ensaio, pretendo discorrer sobre o que é ser participante de um projeto social que oferece oficinas em educação musical a partir do “fazer junto”. Discutir os processos educativos e as perspectivas de mundo que se abrem a partir da socialização “proporcionada” pelas atividades musicais em grupo.

Minha formação profissional foi construída a partir de projetos sociais, dos quais participei desde a minha primeira infância até os dias atuais.

Tornei-me multiplicador cultural pelas oportunidades que tive nesses projetos, tenho interesse em escrever sobre o tema, não somente pela minha história de vida, mas também, pela a relação pessoal que tenho com projetos de cunho social, como o Educação pelo Tambor, Cidadania em Rede, Ong C’ativa, Fica Vivo e tantos outros que tive contato.

Para Dayrell (2001), os jovens utilizam a música, o corpo e a dança para se posicionar diante do mundo, mostrando a sua identidade e agindo a partir dos princípios da sua tribo de origem, muitas vezes demarcando espaços políticos e institucionais a partir dessas manifestações.

A música, a dança, o corpo e seu visual tem sido os mediadores que articulam grupos que se agregam para produzir um som, dançar, trocar ideias, postar-se diante do mundo, alguns deles com projetos de intervenção social. O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca. Nesse âmbito, a música é a atividade que mais os envolve e os mobiliza. Muitos deles deixam de ser simples fruidores da música e passam também a ser produtores, formando grupos musicais das mais diversas tendências, compondo músicas e letras, apresentando-se em festas e eventos, criando novas formas de mobilizar os recursos culturais da sociedade atual além da lógica estreita do mercado (JUAREZ DAYRELL,p. 2001).

Nas atividades musicais educativas desenvolvidas no LAMCE, Laboratório de Arte, Música, Cultura e Educação, projeto desenvolvido pela FE UnB, sob a coordenação da professora Patrícia Pederiva. Pude perceber como os recursos culturais coletivos podem ser construídos a partir das experiências musicais coletivas em uma ação sistematizada, coletiva e prazerosa.

Vivenciando as atividades do LAMCE veio a vontade de compreender melhor o processo educativo utilizado pelo grupo e de projetos e iniciativas que trabalham à música de forma não convencional, partindo das experiências dos participantes e do fazer junto. Outro fator fundamental para minha escolha foi a proliferação dos projetos de cunho social que oferecem música entre as atividades abertas ao público.

O Terceiro Setor tem se apresentado como a dimensão da sociedade em que proliferam os movimentos sociais organizados, ONGs e projetos sociais onde se observa uma significativa oferta de práticas musicais ligadas ao resgate de jovens adolescentes em situação de exclusão. O trabalho desenvolvido por ONGs tem revelado uma importante ligação com a dimensão cultural das comunidades urbanas estigmatizadas, prevalecendo como objetivos primordiais o resgate da dignidade humana e o exercício da cidadania plena. A cultura é vista como um importante meio de reconstrução da identidade sociocultural, e a música está entre as atividades de maior apelo para a realização de projetos sociais, principalmente com os jovens adolescentes (KLEBER, p., 2003).

Nos últimos anos, tem se tornado nítida a proliferação de Ongs, projetos sociais e outras entidades do terceiro setor, que tem oferecido entre outras atividades, aulas de música. Muitas dessas práticas rompem com os modos tradicionais de se ensinar música e criam diálogos com os participantes, trazendo a possibilidade de uma nova estética que está intimamente ligada ao modo de pensar e agir dos seus componentes.

O processo central tratado nessa obra é denominado por eles como a “mobilização da tradição”, em que nos movimentos sociais, seja musical ou outros tipos de tradição cultural, são feitos e refeitos reportando-se aos valores e à memória das pessoas, tornando-se, também, um importante inspirador para novas mobilizações sociais que estão permeadas de cunho político[...]Movimentos sociais são tratados como momentos centrais na reconstituição da cultura. Nesse “criativo alvoroço” que estão imersos os movimentos sociais, ações culturais são redefinidas e dão um novo significado as fontes de identidades coletivas. Nesse contexto, os comportamentos habituais, os valores da sociedade abrem-se para debates e reflexões.(KLEBER, p. 2006).

Devo grande parte da minha formação como cidadão (sujeito), às oportunidades e experiências que tive em contato com projetos dos quais participei, em especial o Tambor Mineiro; Projeto idealizado pelo Multiartista Mauricio Tizumba para disseminar a cultura afro mineira em Minas e no Mundo, o Tambor Mineiro tinha pessoas de diversas idades e formações e se constituía como um grupo multifacetado e contemporâneo, a partir das raízes da cultura mineira e do fazer junto o grupo ensaiava no galpão do tambores no bairro Prado BH-MG, onde funciona até hoje oferecendo cursos e oficinas de percussão e cultura popular.

No tambor mineiro foi onde eu comecei minhas pesquisas e estudos e encontrei um espaço propício para me expressar através da arte, essa foi uma experiência crucial para eu pudesse conseguir me afastar do vício das drogas e ter outras perspectivas de vida, foi nesse grupo também que comecei a organizar minhas primeiras aulas de percussão.

Para elaborar esse ensaio decidi partir de três perguntas geradoras: Quem são as crianças e jovens que participam de atividades musicais oferecidas por projetos sociais? Qual o caráter educativo dessas atividades e quais as perspectivas de vida elas podem “suscitar”? Por que essas crianças e jovens participam de projetos como o LAMCE?

Pretendo fazer uma analogia entre os participantes desses grupos e minha história em projetos sociais, buscando compreender quem são essas crianças e jovens. Como se organizam para as atividades, quais são os papéis, as condições para o desenvolvimento das oficinas e os princípios que estruturam as atividades musicais nas relações em grupo.

A música é essencialmente de caráter social, para KLEBER, (2006) se consideramos a música como um fato social total, podemos extrapolar o processo de ensino aprendizagem da música e pensar nos valores simbólicos e materiais ligados a atividade musical, “estabelece-se, assim, a possibilidade de constituir redes de sociabilidade mobilizando motivações internas, consubstanciadas em ações nos diferentes contextos: institucional, histórico, sociocultural e de ensino e aprendizagem musical”. (KLEBER, p.2006).

No primeiro capítulo, conto a minha história em projetos sociais e como me tornei educador, no segundo capítulo discorro sobre o caráter educativo das atividades musicais oferecidas em projetos de cunho social buscando dialogar com alguns autores que escreveram sobre o tema.

Capítulo 1 – Como me tornei Educador

Deste de criança fui beneficiário de programas sociais. Tenho memória por volta do início dos anos 90, de participar de um programa de cesta básica e leite que estava atrelado à segurança alimentar e a assistência social.

Quando comecei a estudar, não passei pelo jardim de infância entrei direto para a primeira série e assim iniciei o CBA (Ciclo básico da alfabetização), fui inserido em um projeto social no contra turno, o salão do encontro, no projeto eu tinha a obrigação de fazer o dever de casa e depois o tempo era dividido em oficinas lúdicas para as crianças e de profissionalização para os adolescentes, nesse projeto me lembro de fazer muitos trabalhos manuais com madeira e argila e também de frequentar as oficinas de circo e esportes, foi no circo que pela primeira vez me senti “tocado” pela música.

O salão oferecia almoço, lanche e janta e, várias oportunidades de passeios, lazer e cultura. Eu era aluno das turmas de circo e argila e nessa época frequentava com meus avós a sexta cultural, onde aconteciam principalmente apresentações de dança, música e teatro, foram experiências inesquecíveis e memoráveis.

O salão do Encontro funciona em Betim MG e tem como missão; desenvolver ações estratégicas que garantam o acesso à educação, cultura e a capacitação profissional de pessoas de baixa renda e pessoas com necessidades especiais, atuando em todos os pilares do núcleo familiar – pais, filhos e avós - promovendo a redução da desigualdade social e o crescimento do indivíduo e da comunidade em geral.

Tive a oportunidade de vivenciar diversas manifestações artísticas e culturais naquele espaço, por ser um lugar com muita natureza e com vários equipamentos. Também participei de muitas brincadeiras infantis como; Corre cutia, pique e pega, esconde esconde, estrear novo toco, “selva” e outras brincadeiras de criança que surgiam de forma espontânea no tempo livre que tínhamos.

Quando eu passei para a quarta série, minha avó faleceu e eu tive que ir morar com meu pai, mudei de escola e sai do salão do encontro. Saí de um bairro pacato e com ares de interior, Nossa senhora da Graças – A “Biquinha”, para o centro da cidade de Betim/MG. Ali na minha nova casa funcionava um jornal, Betim notícias, e, depois, Jornal do Teresópolis e outros empreendimentos em comunicação. Ali naquela casa começou uma viagem muito maior que eu imaginava, foi quando “voei” pela primeira vez.

Tive acesso a muitas informações e espaços, por estar em uma área central me tornei um “explorador” do centro da cidade, percorria os mais diversos espaços e acabei conhecendo muitas pessoas interessantes. Em 1999, um vendedor ambulante passou na minha porta vendendo painéis e como ele trabalhava com prestações, ele iria muitos outros finais de semana em minha casa, assim passei a conhecer o “Índio” e a frequentar as festas que ele e os seus companheiros nordestinos faziam todas as segundas.

Nessa época pude conhecer um repertório nordestino de forró, vaquejadas e rojões; ritmos tocados em festas populares no nordeste e no Brasil que tem como característica principal a dança a dois, o ritmo sincopado e a presença de instrumentos como zabumba, triângulo e sanfona. Foi assim que comecei a me apaixonar por música, naquelas festas de segunda-feira na várzea das Flores divisa de Contagem com Betim - MG.

Depois de alguns encontros musicais me tornei membro da banda cabroeira, comecei a tocar triângulo espontaneamente naqueles encontros, aprendi ouvindo e vendo outros amigos tocarem, em um dos encontros fui convidado para fazer parte da banda.

Participar do forró cabroeira me proporcionou muitas viagens pelo interior de Minas e pelo Brasil, tive a oportunidade ouvir muitos sons e viver muitas experiências musicais e afetivas. Foi nessa época também que me envolvi com as drogas. Eu já tinha

conhecido muitos estados e tocado com muitas bandas e nessas viagens acabei me envolvendo e experimentado novas substâncias e sensações.

Cheguei a ter uma casa de show com três outros amigos em parceria com o dono de um bar, chamado, butecológico, no qual trabalhamos um ano com o evento forrocológico, um charmoso bar da cidade de Betim com muitas plantas e natureza em frente ao rio e muito bem localizado próximo ao shopping Betim e a região central. Promovemos shows inesquecíveis.

Achei que ficaria famoso, ganhei bastante dinheiro nesse período e também me envolvi cada vez mais com drogas, de todo tipos. Tive algumas crises e fui para o hospital algumas vezes. Acho que fiquei vislumbrado com tudo que estava acontecendo e tinha cada vez mais a ilusão do “popstar”. Agradeço imensamente a Deus por não ter problemas mentais ou ter ficado “colado” como alguns amigos meus que não reconhecem a própria mãe.

Passado a euforia do forró e das primeiras viagens, comecei um relacionamento intenso com álcool, drogas e com as festas universitárias, iniciei um período de decadência, meu pai faleceu e eu intensifiquei o uso drogas, fiquei com uma casa grande ao lado de uma universidade, minha casa se tornou um “point”, com festa quase todos os dias, sempre regadas a sexo, drogas e muita música.

Essa curtição durou quase um ano e foi ai que minha mãe resolveu vender a casa e me internar por orientação de alguns informantes que disseram a ela o que acontecia naquela casa.

Passei os piores três meses da minha vida no Betim central, uma clínica pública para pessoas diagnosticadas com sofrimento mental, nessa clinica havia vários resquícios de manicômios, comida azeda e banhos coletivos no pátio com mangueira de água fria e muitas outras drogas que continham a fúria e a revolta dos ditos doentes, e, em uma

das visitas, eu prometi que se minha mãe não me tirasse dali eu cometeria suicídio. Então, dois dias depois, eu estava na casa da minha Irma. Voltei a ter uma vida “tranquila” e comecei a estudar muita música. Queria também voltar a tocar e comecei a frequentar algumas festas da cidade, numa dessas conheci a banda Zazueira, eles precisavam de um percussionista e eu disse que sabia tocar, mas só tinha tocado mesmo triângulo.

Cheguei no ensaio e lá tinha outros dois percussionistas e uma infinidade de instrumentos, muitos que eu nem sabia o nome. Quando peguei nos instrumentos a banda viu que eu “não sabia tocar” de forma convencional e técnica, eles foram muito pacientes comigo, nos tornamos amigos e eu passei a fazer parte do grupo, voltei a frequentar a noite e minha mãe me obrigou a ir morar em BH com ela. Era isso ou o Betim central. Resolvi ir pra BH e a galera da Zazueira me incentivou bastante, inclusive por que lá eu teria mais oportunidades de estudar percussão e realmente integrar a banda.

Quando cheguei a Belo Horizonte, fui morar com minha mãe, ela me matriculou em um curso de cultura afro mineira no espaço cultural tambor mineiro do mestre Mauricio Tizumba, o galpão do tambor mineiro ficava próximo da minha nova casa. Com uma bolsa integral, comecei a frequentar as oficinas de tambor mineiro.

No início eu ia obrigado pela minha mãe, com o tempo comecei a ir pelas pessoas, o encontro, a informação e finalmente pela música, me apaixonei pelo tambor e comecei a estudar os ritmos afros brasileiros.

Nessa mesma época, passei a conhecer melhor a cidade de Belo Horizonte e um dia passeando numa praça do bairro Santo Agostinho, encontrei uma “galera” tocando tambor, declamando poesia e dançando. Achei diferente de tudo que eu já tinha visto, fiquei observando eles tocarem por uns 30 minutos. Quando parou o som, pedi para entrar no grupo e, na outra semana eu já estava tocando com o Baque de Loa minha primeira banda em BH.

Esse grupo contava com nove participantes e, coincidentemente, uma das integrantes fazia parte do Tambor Mineiro também, e que viria a ser figura decisiva no meu início como professor. Tocávamos muito na UFMG e no circuito universitário, pois, a maioria da “galera” era universitária e, eu ainda no ensino médio. Fazíamos ensaios todos os domingos, um em cada praça da região central de Belo Horizonte, o que proporcionava um contato direto com o público, o que me rendeu boas histórias e muitas experiências com o povo que transitava por essas praças.

Eu estudava de manhã no segundo ano da Escola Estadual Maestro Villa Lobos e dividia meu tempo entre os ensaios do Tambor Mineiro, da Banda Zazu e do Baque de Ioa. Como eu tinha uma curiosidade grande por cultura popular, também fazia visitas esporádicas aos grupos Trovão das Minas, Bloco Oficina Tambolele, Lua Nova, Guarda de Congo Treze de Maio do Bairro Aparecida e, na Folia de Reis da Lapinha – Lagoa Santa/MG, na qual “girei” por dois anos. Durante esse ano eu conheci novos ritmos, manifestações, culturas e muitas pessoas diferentes que, de certamente, contribuíram para que eu tivesse novas perspectivas a partir das reflexões proporcionadas pelas vivências musicais e afetivas.

A experiência desses jovens nos grupos musicais revela múltiplos significados, interferindo diretamente na forma como se constrói- em e são construídos como sujeitos sociais e como elaboram determinada identidade individual e coletiva. Um primeiro aspecto a ser salientado é a dimensão da escolha. Recuperando a trajetória dos grupos, constatamos inicialmente que todos os jovens aderem ao estilo como consumidores do gênero musical. A passagem para a condição de produtores significou para todos um processo de envolvimento gradativo (DAYRELL, p.127, 2002).

Eu estava tão envolvido com a música, que não tinha mais tempo pra pensar em drogas, apesar de que, em alguns shows com a banda Zazueira tive algumas recaídas, porque a banda tinha forte atuação em Betim/MG, cidade onde eu me afundei nas drogas e tínhamos muitos amigos que sempre nos incentivam a usar e muitas vezes eu acabava indo na onda.

A oferta de atividades e bens culturais e a possibilidade de exercer sua individualidade e expressar sua musicalidade nesses espaços, proporciona uma melhora na qualidade de vida dos participantes, podendo apontar novos caminhos para exercer sua cidadania e reconhecer sua identidade no processo de socialização em música e outras atividades culturais e artísticas de caráter coletivo. Foram essas atividades e vivências musicais que me afastaram de lugares que eu frequentava para me drogar e de situações que colocavam minha integridade física e moral em perigo

Passei a tocar com o Mauricio Tizumba e tive a oportunidade de conhecer muitos mestres de cultura popular e também excelentes percussionistas, Serginho Silva, Bantuquerê, Dona mercês e família do Candombe da Serra, Mestre Mario e comunidade dos Arturos, família Alcântara e dona Isabel, a rainha do congado em Minas Gerais e muitos outros mestres e mestras da nossa cultura popular.

Eu estava em um processo de aprendizagem frenético, intenso e que me fazia muito feliz, estava com bons projetos, bandas, em contato com grandes mestres, mas parecia que faltava algo. Foi então que tive minha primeira crise. Briguei com o Tizumba, por não concordar com a organização do grupo Tambor Mineiro, sai do Baque de Loa e da Zazueira e do Tambor Mineiro e comecei a me drogar de novo. Perdi muitas noites de sono e manhãs de aula e comecei a ter sérios problemas de relacionamento com meus familiares e amigos.

Passei uns três meses num processo de decomposição, até que uma integrante do Tambor Mineiro resolveu me oferecer um tratamento psicológico na associação dos magistrados, AMAGIS – MG, onde ela trabalhava. Algumas senhoras do grupo Tambor Mineiro se juntaram e me contrataram para dar oficinas de ritmos e cantos para elas, no início eu tive muita resistência, mas depois aceitei.

Para aqueles que se encontram desempregados, o cotidiano se mostra vazio. Andando pelos bairros de periferia nos dias de semana, é possível ver dezenas de jovens pelas ruas e calçadas, conversando em grupos ou simplesmente sentados, passando o dia sem ter o que fazer, sem acesso a equipamentos sociais, como centros culturais ou mesmo praças públicas, sem espaços e tempo que os estimulem, que ampliem as suas potencialidades. Não tem outra alternativa a não ser levar uma vida empobrecida não só de recursos materiais, mas, principalmente, de recursos simbólicos que os capacitem a enfrentar as transformações pelas quais a

sociedade vem passando. Talvez esteja aí uma das principais razões que levam os jovens pobres a se envolverem com as drogas e a marginalidade. Para os jovens ligados aos grupos musicais, existe pelo menos o sonho de se tornarem cantores, gravar, fazer sucesso. Um sonho que, independentemente das possibilidades da sua realização, dá um sentido ao cotidiano deles (DAYRELL, p.2003).

Sentia-me muito a vontade na terapia e acabei abrindo o jogo para a terapeuta. A pedido da psicóloga eu viajava em alguns fins de semana para o interior de MG, em uma dessas viagens para Ouro Preto, eu estava com minha namorada e com meu sogro, em um show na cidade. Era um domingo à tarde depois do show, estávamos nos preparando para voltar para BH quando eu recebi um telefonema da Elisa do e Baque de Loa, ela me disse que havia me inscrito num Processo Seletivo Simplificado – PSS na cidade de Contagem – MG para dar aulas de percussão em um projeto chamado Educação pelo Tambor e que eu deveria estar na Segunda de manhã na prefeitura de Contagem para participar da primeira fase que era a de documentação.

Passada a fase da documentação, veio à prova prática, que era ministrar uma aula de percussão para uma turma de 15 crianças, sendo avaliado por uma banca e, depois, passando por uma entrevista. Fiquei em oitavo lugar e eles iriam chamar só cinco pessoas, me senti feliz por ter passado, mas não tinha esperança de ser chamado. Nessa época, fui selecionado para fazer um curso de agente cultural, uma parceria entre MINC – Ministério da cultura e MTE – Ministério do trabalho e emprego e Rede Le – e UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.

O projeto oferecia uma bolsa de 150,00 R\$ para que jovens de comunidades envolvidos com arte, cultura e educação fossem formados como agentes culturais para atuarem na sua comunidade. As aulas aconteciam no centro cultural da UFMG e tinham como eixo principal a formação política, além disso tínhamos acesso às várias linguagens artísticas, proporcionando experiências com música, artes visuais, cinema, teatro e hip hop, principalmente.

As aulas aconteciam de segunda a sexta de 08h às 12hs ou 14h as 18h, no contra turno das aulas escolares, o projeto tinha três educadores e uma coordenadora e atendia 80 jovens, 40 em cada turno. No curso de agente cultural, tive a oportunidade de pesquisar muito sobre música, o projeto oferecia computadores com uma internet com uma velocidade de dados razoável o que favorecia nossas pesquisas e acessos a vídeos, músicas, imagens e textos. As palestras e oficinas me alertaram principalmente para a realidade das comunidades. Conheci muitas pessoas e lugares de BH, pois, toda sexta fomos a comunidade de um dos participantes participar das atividades propostas para aqueles espaços.

Durante um ano de curso, houveram muitos atrasos na bolsa, que garantia nossa mobilidade e também o lanche, por isso, chegamos a fazer uma paralisação e uma reunião com representantes dos ministérios e UFMG.

Eu estava viajando para o interior de Minas, participando de um encontro cultural em Milho Verde, distrito do Serro – MG, era um domingo à tarde e eu estava me preparando para voltar a BH, quando uma mulher parou o carro ao lado do que eu estava, e me disse que se eu quisesse trabalhar no projeto educação pelo tambor, que eu fosse à prefeitura de Contagem – MG, pois na manhã de segunda haveria um chamamento e se os primeiros colocados não aparecessem, eles chamariam os próximos, até completar as cinco vagas.

Eu compareci na prefeitura e consegui a vaga, minutos depois de sair a homologação, chegou o quinto colocado, mas como eu já havia homologado, a vaga era minha, mesmo em oitavo, eu estava entre os cinco.

No dia da apresentação, eu não acreditei quando a funcionária do Recursos Humanos da prefeitura me disse que o meu rendimento, três vezes mais do que a aposentadoria da minha mãe. Fiquei muito feliz, tão feliz, que tive mais uma recaída, que graças à terapia e, ao intenso trabalho na educação pelo tambor, passou rápido.

Na primeira reunião de trabalho, todos os selecionados foram para a sede do projeto, o galpão dos tambores no bairro Praia, estavam lá cinco educadores de cada uma das

quatro áreas do projeto; Dança, Percussão, Canto e Construção de instrumentos mais os coordenadores (as).

Sob o slogan; “Construir, Dançar, Cantar e Tocar. Recíprocos de Educar”, eu estava iniciando uma caminhada de seis anos com o projeto educação pelo tambor, onde vivi histórias incríveis e tive a oportunidade de conhecer, aprender, conviver e viver várias experiências que me levaram a refletir sobre minha própria existência e foi onde eu encontrei algo que justificasse a minha existência e que deu um importante sentido para minha vida, a educação e a música.

A arte promove vivências que reverberam em outros aspectos do desenvolvimento humano, por isso um ambiente que oferece arte e vivências estéticas podem suscitar reflexões sobre diversos aspectos da individualidade humana.

A arte promove o desenvolvimento do homem: ela é um meio de mudança qualitativa nas emoções humanas que, de um caráter elementar, biológico, superam-se, pela ação catártica, transformando-se em emoções de outra ordem, em emoções estéticas”. (PEDERIVA, p2009).

O projeto Educação pelo Tambor, realizado em Contagem (MG), a 21 km de Belo Horizonte, trabalha com as crianças e jovens, gratuitamente, valores como respeito ao próximo, importância de sua identidade e convivência com pessoas de todas as idades, etnias e classes sociais. Tem como principal objetivo a apropriação e ocupação dos espaços públicos da cidade, o exercício pleno da cidadania e o diálogo entre pessoas através de um Bloco de Percussão que traduz essas múltiplas identidades convergindo ideias, comportamentos e atitudes.

O projeto partiu de uma iniciativa simples para manter as escolas da cidade abertas durante o fim de semana, oferecendo oficinas para crianças e adolescentes da região, em situação de risco social e vulnerabilidade. O objetivo era e ainda é aproximar a comunidade da escola e mantê-la a serviço da população como um equipamento que deve estar aberto e deve ser zelado e utilizado por todos para diversos fins, que atendam as necessidades daquela comunidade.

A iniciativa, além de oferecer aulas de dança, canto, construção de instrumentos e percussão, também faz um importante trabalho de conscientização do meio ambiente. Todos os utensílios utilizados para a confecção de tambores, instrumentos e fantasias usadas no bloco são de materiais recicláveis e reutilizáveis

Uma equipe de 20 educadores, quatro coordenadores, dois motoristas e seis pessoas nos serviços gerais, atendem 16 escolas nas cinco regionais da cidade e na sede do programa no bairro Praia. Não só crianças e adolescentes, como também outros membros das comunidades participam.

A participação é voluntária e as oficinas são realizadas aos sábados pela manhã, das 8h às 12h em algumas escolas e à tarde de 14h às 18h em outras. Cerca de 800 pessoas participam ativamente das oficinas. O projeto também oferece formação para cerca de 20 jovens multiplicadores em sua sede Galpão dos tambores.

A prefeitura da cidade é quem paga os "oficineiros", escolhidos por concurso público provisório com duração de um ano. São professores de percussão, canto, dança, construção, pedagogos, psicólogos, entre outros profissionais. A sede do projeto, onde muitas experimentações e laboratórios são realizados, tornou-se um ponto de encontro, reunindo pessoas de várias partes da cidade e estabelecendo entre elas um saudável intercâmbio, com trocas de experiências entre diversas gerações, sem qualquer distinção.

O Educação pelo Tambor faz parte do programa Escola Aberta, desenvolvido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC) do Ministério da Educação (MEC) e conta com apoio da prefeitura municipal de Contagem e da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

As escolas, chamadas de pólos, oferecem aulas de dança, canto, percussão e construção de instrumentos e um mesmo espaço, dividindo o tempo em 1 hora para cada

modalidade, onde cada educador trabalha o conteúdo específico da sua área, com isso tive a oportunidade de participar das aulas dos outros educadores, o que contribuiu significativamente para minha atuação profissional.

Eu tinha pouca experiência com aulas, apenas com as senhoras do tambor mineiro que não passavam de quatro, expôs a minha falta de experiência na reunião e a coordenadora resolveu me colocar em um pólo que já estava funcionando com as quatro modalidades há um semestre, eu teria a oportunidade de conhecer o trabalho e pegar umas dicas com os educadores, até que se abrisse outro pólo.

Fiquei um mês num pólo chamado Darcy Ribeiro no bairro nova contagem, cerca de 40 km da minha casa, as aulas começavam as 08hs e terminavam 12hs oficialmente, mas sempre ficávamos mais na escola onde aconteciam as oficinas. No primeiro dia que fui às oficinas fiquei assustado, eram 150 pessoas de todas as idades, tudo começava com uma grande roda, denominada chamada do sol, onde aconteciam o alongamento, aquecimento e as conversas iniciais.

Nesse dia, teve um ensaio, e fiquei emocionado com a apresentação, os naipes de repique, tambores, caixas e timbal e um instrumento inusitado, uma enxada. Eu já tinha visto muitas formações de blocos de percussão, mas um bloco tão eclético, com participantes de todas as idades, figurinos de garrafas pet e faixas de propagandas, tambores de lata, chapa de radiografia e com uma enxada no naipe, eu nunca tinha visto.

Ao investigar o processo de construção musical de jovens da cultura hip hop e do Rap, Dayrell (2003) nos diz que para muitos jovens, o rap torna-se uma forma de intervenção social alternativa. Por meio dos elementos estruturantes da cultura hip hop, grafite, dança e ritmo e poesia e música é que muitos jovens se postam diante do mundo, isso pode ser exemplificado no depoimento que Dayrell colheu de um dos participantes desses grupos;

[...] O que a gente passa com a música é um pouquinho de consciência, de amor próprio, de autoestima... a gente quer levar o nosso povo pra frente, a minha vontade é essa, de revolucionar, abrir a cabeça de um e de outro para

eles terem consciência e saber o que está fazendo, aprender o direito deles, nem que for um pouquinho, entendeu? [...]Trabalhava de faxina e o maior orgulho meu era estar lá fazendo faxina e quando eu chegava no palco eu era um rapper, entendeu? Eu tenho pouco estudo, nunca tive um emprego bom, mas eu tenho uma cabeça para revolucionar, eu tenho dignidade porque eu chego em casa e sou um rapper, tenho uma missão... (Pedro, Máscara Negra. 26 anos)

Podemos inferir a partir do depoimento de Pedro e de minhas experiências pessoais, que a música possui um caráter educativo e que algumas pessoas se transformam nas atividades musicais e nas vivências e trocas que a música proporciona.

Antes de a aula começar, muitos participantes já estavam na porta da escola, as 08h a roda já estava formada e ia crescendo com o tempo, depois da “chamada do sol”, todos iam para uma sala que servia de oficina, passávamos uma hora na construção de instrumentos, depois acontecia uma hora de canto, e uma hora de dança no pátio e pôr fim a percussão, todas as atividades poderiam ser experimentadas por todos no tempo que desejassem.

As aulas seguiam uma dinâmica comum, sempre a partir da oralidade e de exemplos práticos, cada educador tinha a sua própria dinâmica e jeito de dar aula, durante esse primeiro mês aprendi muitas dinâmicas e jogos e também os arranjos de percussão e regência do bloco.

Passado esse tempo, fiquei o resto do semestre alternando em cada polo, tive a oportunidade de ver os outros dezenove educadores em ação, foi um período de aprendizagem constante, muito rico e cheio de experiências novas. Terminado o semestre, vieram as férias eu acabei retomando com a banda Zazuerira com o nome de Zazu. Fomos para a fazenda de um dos integrantes e por um mês vivemos um processo intenso de composição e arranjos, em que fizemos mais de vinte músicas juntos, e que, mais tarde, resultaria no CD “O que está no ar”. Voltei também a tocar com o *Baque de Loa* e a frequentar blocos e espaços culturais como o Cartola bar, Brasil 41, Bairro Santa Tereza e tantos outros pontos boêmios e culturais da região metropolitana de BH.

Assim que acabaram as férias, voltei ao Educação pelo Tambor, fui designado para um pólo chamado Tupã, um lugar a beira da lagoa várzea das flores, onde passavam apenas três ônibus por dia e era conhecido como região de chácaras e sítios.

Nesse lugar foi onde comecei a praticar a docência. No início, haviam poucos jovens e quatro professores, e eu, como sempre, muito curioso, resolvi andar pelo bairro e acabei encontrando um grande amigo, que conhecia muitas pessoas no bairro e tinha uma capacidade de mobilizar os moradores do bairro facilmente.

Com a entrada dele no projeto, muitos outros jovens passaram a frequentar o pólo tupã e, de repente, o polo estava com sessenta crianças e jovens de todo o bairro. Criamos uma rotina para o Tupã. No início fazíamos uma roda de conversa e a partir dela acontecia o alongamento e aquecimento, para que todos pudessem vivenciar todas as linguagens. Seguíamos com a dança afro e contemporânea e, nesse momento, fazíamos uma bateria com alguns alunos, enquanto os outros dançavam, depois acontecia a construção de instrumentos e por último a percussão e o canto.

Inicialmente, tinha poucos instrumentos no tupã e como eu tinha pouca experiência com a percussão, nas minhas aulas, eu sempre procurava algo que integrasse todos. Eu brincava muito com as crianças e, nessas brincadeiras, começamos a batucar no corpo e também em objetos da escola, como, latas de lixo, carteiras, grades entre outros.

No Tupã alguns alunos se destacaram e em outros polos também, foi ai que tivemos a ideia de trabalhar com multiplicadores. O Tiago foi um inclusive que mais tarde fez o PSS, Processo Seletivo Simplificado, uma espécie de concurso temporário e passou como educador, tínhamos uma convivência no projeto, mas que com o tempo, foi para além. Ele estava fugido da Serra, uma comunidade de BH, escondido no Tupã. O tambor para ele também foi saída das drogas e principalmente do crime, quando começamos a andar juntos pude perceber isso nas nossas conversas.

Existia uma forte repulsa em estar em espaços sociais até então proibidos, mas, como o tempo os alunos foram ocupando e se apropriando dos espaços públicos. A maioria dos participantes eram motivados pelas apresentações, que, além do protagonismo,

proporcionava o deslocamento e conhecimento de novos espaços, outro atrativo fundamental era o lanche.

Um dia, fomos apresentar em uma caminhada no bairro Petrolândia, em Contagem. O bloco era composto por participantes de todos os polos e tinha um regente, que organizava os ritmos, a dança e os cantos, no início, era necessariamente um educador. Os outros iam para dar apoio e acompanhar os seus pólos. Nesse dia, havia cerca de duzentas pessoas, o regente não chegava e a apresentação tinha que começar, foi quando a coordenadora me chamou e disse: - “hoje você vai reger o bloco”.

A musicalidade e a expressão musical são possibilidades abertas a todos que assim quiserem se expressar. O problema não se encontra naqueles presumidamente sem talento mas na criação de um padrão monopolizado de forma de expressão musical. É a inscrição da atividade musical como produto mercantil o que inverte a sua relação com o homem, enclausurando-a no sectarismo da instituição escolar especializada, adestradora de supostos talentos fáceis de comercialização. (PEDERIVA, p.175, 2009).

Eu relutei, mas não adiantou, eu era contratado para isso e fui praticamente obrigado a assumir o posto, já que não tinha outro educador da percussão naquele dia, começamos a apresentação e em menos de dez minutos já estava um desastre total, foi quando o regente oficial chegou e assumiu o bloco. Naquele dia fui embora aos prantos.

Fiquei deprimido e comecei a me questionar se esse era mesmo o meu caminho profissional, ou se eu estava como educador apenas pelo desenrolar dos fatos. Voltei a dar aulas no Tupã e resolvi ensaiar a regência, todos os dias depois da aula ficávamos combinando os sinais e ensaiando o nosso polo, o tempo passou e eu acabei assumindo a regência do Bloco.

A educação pelo tambor estava no ápice, eu era regente do bloco e tinha uma boa relação com a coordenação, tive a oportunidade de fazer oficinas em várias cidades de MG, numa dessas atividades fui convidado para trabalhar no núcleo de arte e cultura do colégio Pitágoras. Devido as relações e a visibilidade proporcionada pelas

apresentações do bloco educação pelo tambor tive o prazer de contribuir em alguns projetos como; Núcleo de Arte Cultura Pitágoras, Cidadania em rede, Escola Aberta, Secretaria de Educação e prefeituras dos municípios de BH, Nova Lima, Brumadinho, Sarzedo, Várzea da Palma, Betim, Lagoa Santa, Ribeirão das Neves e Montes Claros entre outros projetos, escolas e espaços de arte, cultura e educação.

No colégio Pitágoras, tive certa resistência por parte dos alunos e também da escola, eu tinha que conquistar para depois trabalhar, levei uma apresentação do bloco educação pelo tambor no Pitágoras, o que despertou certa curiosidade, mas também um estranhamento.

Apesar da escola ser particular e ter um núcleo de cultura, eles não queriam comprar os tambores, achavam muito caro e só me contratariam se eu tivesse os tambores. Eu disse que tinha, mas, não tinha. Fiquei dois meses treinando nas baquetas com os meninos e meninas do colégio, até que quando juntei os dois meses de salário pude comprar os materiais. Passamos uma noite bebendo e construindo tambores, eu e o Tiago, um amigo, construímos trinta tambores em uma noite.

Com os tambores construídos, começamos a ensaiar o bloco Ala Tambores, que esteve em atividade de 2008 a 2012 e tinha forte ligação com as perspectivas do Educação pelo Tambor.

Iniciei uma viagem pelo interior de Minas, foram 30 cidades em um mês, o projeto fazia parte de uma iniciativa da ONG Cidadania Ativa – C'Ativa de Betim, na qual eu havia me inserido como gestor cultural. Nessa ONG, eu dava aulas de Pandeiro e percussão e promovia gravações ao vivo de bandas de Betim e região metropolitana de BH. O projeto expedição médio Piracicaba, visava um levantamento sócio cultural dessas cidades com o intuito de fazer conexões e o mapeamento de empreendimentos culturais. Foi uma viagem muito interessante, pois pude conhecer mais o meu estado e ter uma dimensão também de mundo.

Quando retornei a BH decidi viajar pelo Brasil, aproveitando uma herança que recebi do meu pai, pude conhecer SP, RJ, ES, PE, BA e SC. Pude conviver com os grupos

Encaixa Couro, Cachuera, Arturos, Salgueiro, Mestre Amaral, Mestre Andre D'exu, Mestre Valter, AlafinOyo, Baque Di loa, Estrela Brilhante, Leão Coroadado, Monobloco, Meninos do Morumbi, dona Tete, entre outros.

Depois de um longo tempo imerso em projetos, programas, Ongs e associações culturais, entrei em crise mais uma vez, e comecei a me questionar sobre a seguinte questão: esse tipo de ação fala em cidadania, mas, não garante o mínimo para seus educadores. Fiquei seis anos no tambor e nunca tive nenhum direito trabalhista, tudo protegido por lei por um contrato em clausulas bem definidas.

Me senti descartável, fui demitido do colégio Pitágoras, não abria mais concurso para a educação pelo tambor e muitas secretarias de cultura e educação não se sentiam mais tão atraídas por esse tipo de “serviço”. Perdi minha bolsa de estudos na faculdade, que estava atrelada ao meu trabalho, e, depois de pensar muito sobre tudo o que vinha acontecendo, decidi tentar transferência para UEMG e também para a UnB.

Consegui um emprego em uma Ong chamada Nutris – nutrição, trabalho e inclusão social, o que, para mim, poderia ser um desafio, se tornou um martírio. Os jovens da Vila Rock'n Rio como era conhecida a comunidade, não me deram espaço para trabalhar com eles, boicotaram muitas aulas minhas e, como eu já estava desmotivado, fui “deixando rolar”.

Eu não consegui emplacar nenhum tipo de trabalho com eles e isso, me colocou mais dúvidas ainda, pois tudo o que eu planejava dava errado, até que comecei a levar vídeos de funk e rap que eu sempre escutava naquele ambiente e, iniciamos uma pesquisa. Quando eu comecei a conquistar os meninos e meninas do projeto, resolvi pedir demissão, passei na UEMG e na UnB e também consegui o Pro Uni caso quisesse continuar no Pitágoras.

Nos projetos e empreendimentos sociais e culturais que participei pude aprender a importância do fazer junto e também adquirir experiência e conhecimento sobre cultura popular e manifestações tradicionais, o que foi determinante para eu reconhecer e constituir minha identidade.

Os mestres sempre me acolheram com muito carinho e compartilharam sua sabedoria comigo e outras pessoas de forma generosa e despretensiosa. Esse aprendizado foi pautado na oralidade e ancestralidade e nas vivências coletivas. Acredito também que o universo tenha conspirado a favor para que eu me tornasse educador, muitas situações aconteceram sem qualquer explicação lógica, a esses encontros atribuo as energias do astral e as coincidências que não existem por acaso.

Nessa vivências e experiências por onde andei tive contatos com vários conceitos musicais de forma espontânea e direta, a partir das experiências musicais fui sistematizando os conhecimentos e reunindo elementos simbólicos, objetos e signos determinantes na cultura popular brasileira que serviram de bases para minha constituição enquanto educador.

Todas essas experiências me enriqueceram muito e me deram elementos para exercer a docência, reconhecendo os participantes, sua história e suas contribuições para o processo de ensino aprendizagem nas atividades em música, tive os primeiros impulsos para organizar atividades musicais, a exemplo da cultura popular envolvendo todos num processo dinâmico e horizontal, onde não há expectadores e todos são importantes na construção e no resultado do processo.

Assim como outros educadores, acredito em outras perspectivas e formas de educar focado no trabalho coletivo e no fazer junto, reconhecendo cada participante como um ser de possibilidades. Nessas vivências coletivas e em todas as experiências musicais que tive oportunidade de vivenciar foi que me eu construí a base para organizar atividades musicais coletivas de forma colaborativa, sistematizada e horizontal.

Capítulo 2 – O caráter educativo transdisciplinar das atividades em música oferecidas em projetos sociais.

Para escrever esse ensaio utilizo como base as atividades musicais coletivas desenvolvidas a partir do fazer junto. Procuo enxergar seres de possibilidades e potencialidades no desenvolvimento das atividades coletivas em educação musical, pretendo discorrer sobre a função social da música como produto de processos sociais e educativos coletivos expressos na musicalidade e a partir dela.

Procuo abordar a música e a educação como instrumentos de transformação individual e social. De acordo com Kleber, para alguns autores a música é vista como uma prática social, e deve ser entendida como uma construção social e coletiva.

Para Shepherd e Wicke (1997, p. 194), o conceito de estrutura social é visto como fruto da diversidade de relações em rede e como uma categoria importante para compreensão da sociedade, de suas produções materiais e simbólicas. Os autores assumem e defendem a música como uma prática constituída social e culturalmente e, portanto, descartam o entendimento da música como qualquer outro artefato cultural, inclusive defendem que a música tem um distinto significado da prática da linguagem assim como tem na comunicação. Desenvolvem a ideia do corpo como um mediador da expressão musical e a música como um dos construtos de processos simbólico e social, uma atividade central para as pessoas e sociedade. Para eles, a tentativa é de se entender a música como uma prática significativa distinta, constituída social e culturalmente, descartando o pensamento sobre música a partir dela própria como uma prática cujo significado esteja baseado nos sons mais do que na totalidade de trabalhos singulares. Seus questionamentos problematizam onde a teoria cultural tem tido algum sucesso em compreender a música como social e culturalmente constituída; (KLEBER, p.2006).

Portanto, o processo de desenvolvimento da musicalidade em coletivo é entendido “como possibilidade de produção de novas formas de conhecimento musical nas suas diversas dimensões: institucional, histórica, sociocultural e de ensino e aprendizagem musical”. (KLEBER, p. 2006). O termo ensino aprendizagem assume um caráter transdisciplinar, articulando elementos que passam entre, além e através da música.

Kleber (2006) diz que “o fazer musical é um tipo especial de ação social que pode ter importantes consequências em outras ações sociais” a esse fato atribuo o caráter educativo transdisciplinar das atividades musicais em projetos sociais e espaços alternativos, que além de serem espaços para socialização podem criar estados favoráveis para aquisição de outros conhecimentos que podem apontar outras perspectivas de vida na formação integral dos participantes desses projetos.

No meu caso os projetos em música contribuíram para minha formação profissional e também apontaram outras perspectivas em relacionamentos, vivências e trocas coletivas. Muito dos meus valores e princípios foram reafirmados e construídos nesses projetos e nas relações a partir deles, onde pude me expressar musicalmente e verbalmente e estabelecer diálogos horizontais e reflexivos no processo de “ensino aprendizagem” em música.

A compreensão das práticas musicais enquanto articulações socioculturais permeadas de formas e conteúdos simbólicos se refletem no fluxo e refluxo da organização social e no modo de ser dos respectivos grupos, em que a construção de identidades individual e coletiva tem seu lastro no processo histórico rememorado e reconhecido pelos atores sociais. Trata-se, portanto, de uma construção e reconstrução das identidades sociais e culturais de grupos sociais em que a diversidade cultural implica a formação/configuração dos mesmos (KLEBER, p. 2006)

O desenvolvimento da musicalidade está intrinsicamente ligado as relações humanas. “Nas relações humanas, as pessoas agem juntas através da linguagem e da música reproduzindo-se materialmente, mediante os sons, o que constitui a sociedade, a música, bem como as subjetividades dos indivíduos” (Kleber, 2006. p.30)

Como fato social, a música não pode ser tratada descontextualizada de sua produção sociocultural. Por isso a necessidade de colocar no centro da aula de música a relação que crianças e adolescentes mantêm com a música, e não se limitar ao estudo da prática ou do consumo musical meramente por seu conteúdo ou gênero. Apoiado na sociologia da música e da educação musical, o texto pretende contribuir para a compreensão das diferentes práticas musicais de estudantes na escola e fora dela (SOUZA. 2004).

A música vem sendo trabalhada de forma convencional e em espaços privilegiados, sendo um bem cultural que ficou restrito a uma classe de pessoas que teriam o dom ou habilidades para se expressar musicalmente.

Por isso trabalhar a música de forma alternativa pautado na coletividade e no fazer junto pode trazer benefícios em vários âmbitos da vida social e cultural dos indivíduos, além de reconhecer na música valores, costumes e crenças de uma identidade coletiva que pode está adormecida pelo contato com a mídia e indústria de massa.

A expressão musical por meio de instrumentos é considerada como domínio de raros seres - visão que se faz presente na sociedade de um modo geral e, principalmente, no contexto das escolas de música especializadas e nos conservatórios - e o músico, um ser mítico. Por sua vez, aqueles que não se adaptam ao padrão de aprendizagem estabelecido pela escola de música formal, ou seja, o padrão de corpos previamente aptos para a atividade - tônus musculares apropriados, audição capaz de reconhecer e identificar frequências, resposta física rápida para a execução de ritmos, reconhecimento e reprodução de tempos e dinâmicas, entre outros - são excluídos. São entendidos como uma espécie de seres musicais, ou seja, pessoas que não possuem, de acordo com essa visão, capacidade e habilidades inatas para serem músicos. A crença no mito do dom musical, no dom de poucos e para poucos, implica, dessa forma, um distanciamento entre seres humanos e a música. Gera descrença nas possibilidades humanas e, assim, a exclusão. E, de fato, no âmbito do ensino formal da música, a exclusão é um acontecimento, ainda que veladamente praticado e discursivamente negado entre professores (PEDERIVA, p. 2005).

Muitos projetos têm sido desenvolvidos a partir das experiências dos participantes de forma coletiva onde todos e toda tem oportunidades de se expressar musicalmente de forma livre e espontânea, rompendo os paradigmas de dom ou habilidades inatas e podem vivenciar a música na prática de forma livre e espontânea. Essas experiências musicais dialogam com outros aspectos da vida cotidiana, portanto indissociáveis na construção do conhecimento.

O material para o trabalho pedagógico na Educação Musical deve ser, como ponto de partida, tudo o que o aluno traz de suas experiências cotidianas. Afinal, todas as expressões musicais são também estruturas musicais. Elas englobam uma organização sonora, instrumentação, etc.

Por meio do compartilhamento de todas as expressões que os alunos trazem, da comparação, em termos de estruturas musicais entre eles, há material pedagógico autêntico e pleno de sentido para muito tempo. O papel do professor é possibilitar o espaço para essa troca e abrir espaço para aquilo que os alunos não conhecem também. Mas. O preconceito musical jamais deve fazer parte de um espaço educativo (PEDERIVA, p. 2013).

Conhecer e vivenciar os diversos estilos e manifestações musicais, coloca o indivíduo em contato com culturas, costumes e crenças diferentes, o que pode contribuir para suas experiências e formação geral, a música se torna a porta de entrada para inserção de alguns indivíduos em alguns coletivos e espaços antes negados, muitas vezes essa inserção se dá junto ao protagonismo, em shows e apresentações. A partir dessa inserção é possível vivenciar conhecer e estabelecer outros vínculos a partir do exercício da musicalidade, que se torna uma ferramenta de expressão e de sentido para as ações de alguns indivíduos.

Quando o indivíduo encontra espaço para se expressar musicalmente em coletivo ele demonstra nas suas manifestações outros aspectos da sua subjetividade. Os projetos sociais e outros projetos que trabalham música a partir do fazer junto, veem a incorporação do conhecimento prático e de vida dos participantes como crucial no processo de formação e no aprimoramento de conceitos musicais em uma ação contextualizada e coletiva.

Creio que uma importante ferramenta que a perspectiva sociocultural da educação musical nos fornece é a possibilidade de aprender a ler as reações da realidade e produzir o conhecimento musical a partir disso. Não se trata, de forma alguma, de desconsiderar o conhecimento e as formas musicais tradicionais, mas, pelo contrário, trata-se de considerar a mobilização musical, o fazer e refazer das tradições musicais, na dinâmica dos movimentos sociais. Ressalta-se que isso, em nível de diz- curso e de prática, propicia o experimento de novos princípios estéticos, criando novos rituais coletivos.

Ao observamos os movimentos sociais, podemos constatar a utilização da expressão artística para comunicação com grande parte da sociedade que oportuniza o repolitizar da cultura popular e do próprio entretenimento. Na música, os movimentos sociais vêm propiciando uma renovação, implantando

novos significados e estabelecendo novas formas e gêneros estéticos, desafiando, inclusive, categorias dominantes de mérito artístico, questionando, problematizando, dissolvendo estruturas de avaliações e julgamento (EYERMAN; JAMISON, p.1998).

Estar em contato com a cultura popular e com a educação musical desenvolvida a partir do fazer junto, conhecer, vivenciar e executar ritmos e estilos musicais das mais diversas culturas, estabelecer redes de trocas e afetividades e exercitar minha criatividade e musicalidade de forma dinâmica, foram alguns dos pontos fortes que me atraíram para a cultura a partir da musicalidade. A música transformou a minha vida e a partir dela pude exercer minha individualidade e me expressar com dignidade nessa sociedade que oprime e exclui, fazendo dela inclusive uma atividade profissional.

Tal perspectiva pressupõe o fortalecimento das oportunidades de aprendizado pela convivência social, pela ampliação do repertório cultural, pela aquisição de informações, pelo acesso e uso de tecnologias e pelo incentivo à participação na vida pública das comunidades em que se inserem. Quanto mais articulados forem os espaços educativos disponíveis numa comunidade, maiores chances de se alcançar esse objetivo e atender aos diversos contextos sócio culturais em que o ato de ensinar e aprender está necessariamente conectado com o cotidiano (KLEBER, p. 2006.)

Foi na música e a partir dela que encontrei um sentido ou significado para viver, foi também através das oportunidades que a música me proporcionou que reafirmei meus valores, costumes e crenças e tive serenidade para fazer escolhas que me constituíram enquanto sujeito e que me levaram a querer ser mais. Poder vivenciar e expressar minha musicalidade me faz sentir pleno e realizado, o que faz com que aquele vazio antes preenchido por drogas e outras ilusões seja preenchido por manifestações de ritmo e harmonia e experiências de prazer que completam o meu ser e convidam meu corpo para se libertar enquanto vivo música.

Todas as oportunidades e iniciativas que trabalhem a música de forma horizontal e coletiva e a partir das experiências dos indivíduos, pode suscitar novas perspectivas de vida, mesmo que esses jovens não se tornem músicos profissionais, é na música que

eles podem se expressar livremente e estabelecer novas relações interpessoais e coletiva.

As experiências desses jovens rappers e funkeiros nos levam a constatar que eles vieram se construindo e sendo construídos como sujeitos sociais numa complexidade de espaços e tempos, estabelecendo múltiplas relações a partir do seu meio social, mas com uma referência central nos grupos musicais e na sociabilidade que produzem. Nesse processo, é evidente como eles encontram poucos espaços nas instituições do mundo adulto para construir referências e valores por meio dos quais possam se construir com identidades positivas, colocar-se na cena pública como sujeitos, como cidadãos que são. A sociedade não lhes oferece muitas perspectivas. O mundo do trabalho lhes fecha as portas, a escola se mostra distante, não conseguindo entender nem responder às demandas que lhes são colocadas. Apesar de motivados e envolvidos com a música, não encontram estímulos e espaços para aprimorar o potencial criativo que demonstram, não existindo em Belo Horizonte uma política cultural que os contemple. (DAYRELL, p.133. 2002).

Portanto, com as novas propostas para o ensino de música, esses espaços podem se tornar espaços de socialização e construção de saberes coletivos importantes na formação integral dos indivíduos. Precisamos construir polos de educação musical que propiciem revisitar sentidos e funções primordiais da música, criar uma rede de trocas e afetividades onde seja possível experimentar e vivenciar o prazer estético, as emoções, a comunicação simbólica e as tradições culturais de forma integrada, coletiva e contextualizada. Focar na musicalidade a partir de aspectos fundamentais como; improvisação, composição, apreciação e a experimentação sonora, da margem para outros conhecimentos e perspectivas educativas, a música não pode deixar de trabalhar com seus aspectos fundamentais que é o som, mas ela pode ser instrumento de transformação, de educação, de desenvolvimento humano e social pois carrega em sua estrutura elementos culturais e sociais estruturantes da nossa vida em sociedade.

Nada será como antes

Milton Nascimento

Eu já estou com o pé nessa estrada

Qualquer dia a gente se vê

Sei que nada será como antes, amanhã

Que notícias me dão dos amigos?

Que notícias me dão de você?

Alvorço em meu coração

Amanhã ou depois de amanhã

Resistindo na boca da noite um gosto de sol

Num domingo qualquer, qualquer hora

Ventania em qualquer direção

Sei que nada será como antes amanhã

Que notícias me dão dos amigos?

Que notícias me dão de você?

Sei que nada será como está

Amanhã ou depois de amanhã

Resistindo na boca da noite um gosto de sol

Referências bibliográficas:

DAYRELL, Juarez **A música entra em cena:** o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. São Paulo; 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins e TUNES, Elizabeth. **Da Atividade Musical e sua Expressão Psicológica.** 1 Edição, 2013. Ed. Prismas.

Kleber, Magali Oliveira. **A prática de educação musical em ONGs:** dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro. 1 Edição, 2013. Ed. Prismas.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SOUZA, Jusamara. Contribuições teóricas e metodológicas da sociologia para a pesquisa em educação musical. In: **Anais** Encontro anual da ABEM, 5., 1996, Londrina. *Anais...*

Nascimento, Milton. **Nada será como antes.** Clube da Esquina, 1972.

Antunes, Arnaldo e Diabaté ,Toumani. **Kaira.** 2012